



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS- CSHNB  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PAULO CÉSAR RODRIGUES

**DA ROÇA AO REIVINDICAR:**

Uma análise do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Francisco Santos-PI (década de 1980)

PICOS – PI.  
2014

PAULO CÉSAR RODRIGUES

**DA ROÇA AO REIVINDICAR:**

Uma análise do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Francisco Santos-PI (década de 1980)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. M.s. Ana Paula Cantelli Castro.

PICOS – PI  
2014

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**R696r** Rodrigues, Paulo César.

Da roça ao reivindicar: uma análise do sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Francisco Santos – PI (década de 1980) / Paulo César Rodrigues. – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (54 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Profa. MSc. Ana Paula Cantelli Castro

1. Francisco Santos. 2. Década de 1980. 3. Sindicato. I. Título.

**CDD 331.7**

PAULO CÉSAR RODRIGUES

**DA ROÇA AO REIVINDICAR:**

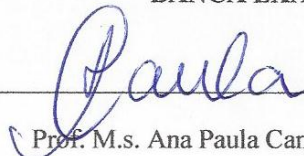
Uma análise do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Francisco Santos-PI (década de 1980)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.


Orientador: Prof. M.s. Ana Paula Cantelli Castro.

Monografia Aprovada em 08 / 01 / 2015

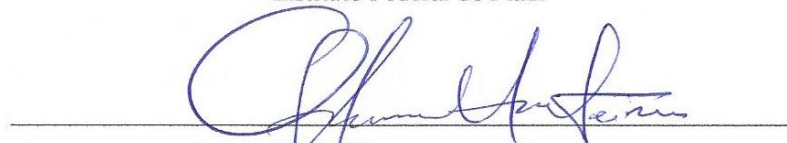
**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. M.s. Ana Paula Cantelli Castro (Orientadora)

Universidade Federal do Piauí

  
\_\_\_\_\_  
Prof. M.s. Rodrigo Gerolineto Fonseca (Examinador)

Instituto Federal do Piauí

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Francisco Gleison da Costa Monteiro (Examinador)  
Universidade Federal do Piauí

Dedico a Deus que em sua infinita bondade me permitiu a conquista dessa graça, aos meus pais, amigos e familiares que me incentivaram e me apoiaram nessa jornada.

## AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria que chego ao final de uma etapa tão árdua em minha vida. A felicidade de concretizar este sonho é imensa, indescritível. Agradeço primeiramente à Deus por ter me proporcionado a coragem necessária para vencer esta caminhada, que é longa, porém, gratificante, obrigado senhor por me conceder mais esta vitória em minha vida. Não foi nada fácil chegar até aqui, mais eu consegui!

Agradeço aos meus pais, Raimunda e Rafael pelo apoio e incentivo que me deram sempre, esta vitória também é de vocês, pois me incentivando nunca me deixaram desistir. Muito obrigado por sempre me ensinarem a trilhar o caminho correto.

Agradeço as minhas irmãs Andréia, Márcia e Raylla pelo companheirismo e apoio que sempre me deram, queridas você são muito especiais pra mim. Muito obrigado.

Agradeço aos meus primos que sempre estiveram comigo desde as brincadeiras na infância até este momento sublime, obrigado por fazerem parte da minha vida. Aos meus tios agradeço pela contribuição com apoio e palavras de estímulos, em especial, Tia Mazé, professora, me ajudou desde as minhas primeiras letras.

Agradeço a toda minha família pelo amor, o carinho, o companheirismo e atenção em todos os momentos. Agradeço as minhas avós Francisca e Josefa (in memoriam) por me ensinarem a importância da humildade, carinho e respeito para com os outros.

Aos meus entrevistados, muito obrigada pelo acolhimento e confiança, em compartilhar comigo suas falas e memórias tão ricas e importantes para o bom desenrolar desta escrita. A CAPES, agradeço pelo auxílio na minha trajetória de PIBIDIANO na UFPI.

A todos os meus amigos e amigas, em especial, aqueles com os quais pude partilhar as descobertas, aprendizados e conquistas deste curso de graduação, agradeço, portanto, a todos da turma de História 2010.2, obrigado por tornar esta caminhada mais alegre e satisfatória, em especial, Crislane, Bibiana, Priscila, Jackeline, Veronica e Ana Paula amigas inseparáveis agradeço o constante apoio.

Aos meus professores desde os tempos de criança, assim como os da UFPI, Campus de Picos, agradeço pela paciência, ensinamentos e orientações nos momentos de dificuldades. Agradeço em especial, aos professores Gleison Monteiro, Rodrigo Gerolineto e Ana Paula Cantelli Castro, mestres orientadores deste trabalho em suas etapas.

Enfim, a todos que contribuíram com essa importante conquista em minha vida, meus sinceros agradecimentos. Muito obrigado!

“Que ninguém jamais ouse duvidar da capacidade de luta e organização da classe trabalhadora”

Luís Inácio Lula da Silva

## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema ‘’DA ROÇA AO REIVINDICAR: Uma análise do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Francisco Santos-PI (década de 1980)’’. O qual tem como foco da pesquisa as questões relacionadas a essa instituição. Investigando diversos assuntos que a envolve no período de sua fundação e anos seguintes, procuramos analisar os fatos que foram determinantes para o seu surgimento e permanência desse órgão que tem 33 anos de estabelecimento nesse município, demonstrando que após o seu firmamento melhorou a vida dos trabalhadores rurais que compunham a cidade, pois o mesmo trouxe benefícios como poços, abertura de estradas, aposentadorias, enfim, significativos para os habitantes principalmente, da zona rural, o qual comportava a maioria da população no período referido. Tal pesquisa analisa ainda a vida dos militantes engajados no Sindicato de Francisco Santos demonstrando que estes eram ao mesmo tempo pessoas que tinham nas atividades ligadas a terra seu sustento e viram na abertura do mesmo, possibilidades de melhorias. Para a escrita deste trabalho a metodologia da Historia Oral se fez essencial, refletida a partir de Alessandro Portelli. Foram ainda utilizados fotografias dos entrevistados e livros de memorialistas do município. Para embasamento teórico da escrita se fizeram presente, principalmente, Eder Sader (1988) e Edward Palmer Thompson (2001), dentre outros autores que com seus trabalhos contribuíram para escrita.

**Palavras-Chave:** Francisco Santos, Década de 1980, Sindicato.



## **ABSTRACT**

This research has the theme " OF THE CLAIM ROÇA: An analysis of the Union of Rural Workers of Francisco Santos-PI (1980) ". Which focuses on research issues related to this institution, investigating various issues that surrounds the period of its foundation and following years, we tried to analyze the facts that were instrumental in its appearance and permanence of this organ that has 33 years of establishment in that district, showing that after its firmament improved the lives of rural workers who made up the city, because it brought benefits as well, opening roads, retirements, finally, significant for the inhabitants mainly from the countryside, which involved the majority of the population in that period. Such research also examines the lives of militants engaged in Union of Francisco Santos demonstrating that these were the same people who had time in activities related to land their livelihoods and saw the aperture, improvement opportunities. For the writing of this work to the Oral History methodology became essential, reflected from Alessandro Portelli. Were also used photographs of those interviewed and memoirs of the municipality of books. For writing theoretical basis were made mainly present Eder Sader (1988) and Edward Palmer Thompson (2001), among other authors with their work contributed to writing.

**Key-Words:** Francisco Santos, 1980s, Unions.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fotografia atual do prédio do sindicato.....	19
Figura 2: Trator conquistado pela comunidade Chupeiro, por intermédio do sindicato na década de 1980 .....	37
Figura 3: Representante da diretoria do sindicato palestrando para os associados .....	43
Figura 4: Representantes eleitos da diretoria do sindicato de 1989 .....	43
Figura 5: Maria do Socorro Rodrigues em reunião palestrada por representantes da CUT (Central Única dos Trabalhadores .....	48
Figura 6: Representantes do Sindicato dos Trabalhadores de Francisco Santos em meados da década de 1990 .....	50

## **LISTA DE SIGLAS**

CEBS – Comunidades Eclesiais de Bases

CONTAG – Confederação Nacional do Trabalhador na Agricultura

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CUT – Central Única do Trabalhador

FETAG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PSD – Partido Social Democrático

PRONAF – Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar

PT – Partido dos Trabalhadores

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 ENTRE LUTAS E CONQUISTAS: Uma análise da história do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Francisco Santos-PI.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 O SINDICATO NA ATUALIDADE: Um olhar de quem participou na década de 1980 .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 DO SURGIMENTO AS CONQUISTAS: Os benefícios e melhorias alcançadas pelos trabalhadores rurais associados ao Sindicato .....</b>	<b>23</b>
<b>2 OS ESPAÇOS DE LUTAS E OS PARTICIPANTES: Trajetória dos militantes dentro e fora do Sindicato de Francisco Santos .....</b>	<b>39</b>
<b>2.1 As reuniões sindicais e os espaços de sociabilidades.....</b>	<b>39</b>
<b>2.2 SINDICATO E MULHERES: participação feminina no Sindicato de Francisco Santos.....</b>	<b>44</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO</b>	

## INTRODUÇÃO

O desejo de analisar algo relacionado à cidade de Francisco Santos-PI<sup>1</sup>, lugar que me acolhe não somente como historiador inquieto, mas também como ser humano, sempre foi objetivo enquanto estudante de História, isso desde o ingresso na Universidade Federal do Piauí no ano de 2010, quando soube que para a conclusão do curso seria necessário fazer uma monografia. No entanto, a escolha do tema só foi definitivamente selecionada quando solicitado no sétimo período desta graduação a elaboração de um projeto de pesquisa, uma das etapas do trabalho de conclusão do curso.

Em meio à diversidade de temas possíveis, a escolha desse e do recorte temporal deu-se quando analisava um álbum de minha avó paterna, na qual se podia observar uma fotografia, que mostrava como contou ela, os representantes da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos – PI ainda na década de 1980. A partir daí começou a me inquietar e despertou-me a curiosidade como futuro historiador sobre alguns aspectos relacionados a essa instituição, na qual já havia ouvido falar, mas que, no entanto nunca tinha me chamado atenção em absolutamente nada, diferente do momento em que vi aquela fotografia antiga, com algumas pessoas que conhecia e outras que não sabia quem eram. A princípio embora não tivesse certeza se esse seria a temática do projeto, porque não sabia os requisitos necessários para a elaboração do mesmo, nesse momento, algumas leituras de textos de História Social começaram a fazer parte dos meus estudos. A partir então desta curiosidade de conhecer o surgimento do sindicato referido, do interesse despertado por aquela fotografia, bem como das leituras que posteriormente se tornaram cruciais para o embasamento teórico, notei o quanto consistente era minha temática e que era possível, sim, desenvolvê-la.

Após a certeza de que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais seria o tema o qual iria ser pesquisado, começaram as primeiras conversas informais com pessoas que estiveram e presenciaram os acontecimentos que se sucederam na cidade referida acima, na década de 1980. Essas conversas e questionamentos particulares, com amigos e parentes eram sobre informações e dados relativos não somente a instituição, mas também a sociedade, política, economia, enfim, começamos a estabelecer pelas respostas que eram dadas, paralelos entre a cidade há algumas décadas atrás e alguns aspectos na atualidade e isso me instigou a conhecer sobre o Sindicato por que aquilo que era relatado e descrito, principalmente, sobre aquela instituição social nunca mais havia ocorrido.

---

<sup>1</sup> Município piauiense localizado a 360 quilômetros da Capital Teresina.

Em meio às conversas muitos perguntavam por que queria saber da história do sindicato, logo respondia que não era nada de mais, apenas curiosidades pessoais, pois havia uma insegurança de que algo fosse dito e pudesse atrapalhar ou impedir de que fosse esse um objeto de estudo. A inquietação que nos move aqui não é apenas a de saber como surgiu, mas também analisar quais foram os elementos importantes e determinantes para sua estabilidade.

Analisar o surgimento do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos-PI na década de 1980, assim como conhecer o perfil dos seus participantes, apresentando e problematizando suas ações nas diversas conquistas, lutas, histórias e anseios do grupo foi o principal objetivo deste trabalho, pois é impossível conhecermos com profundidade os fatos e a instituição em si, se não conhecermos aqueles que agiram e a deram sentido. Olhando por este viés, buscou-se colocar de forma paralela ao sindicato referido, apresentar os ideais de redemocratização que se faziam presentes em todo o território nacional no período especificado.

A verificação de autores que tiveram suas produções científicas voltadas para a compreensão do mundo do trabalho, do sindicalismo, das vivências cotidianas, dentre outras linhas, foram determinantes no amadurecimento das ideias para essa escrita. Trabalhar com as temáticas expostas acima, nessa escrita, enfatizando essa instituição, se fez, portanto, uma tarefa gratificante, e que exigiu um intenso trabalho de consultas às fontes, como as atas sindicais, que só foram acessadas após explicar a atual direção qual seria a finalidade em fazer fotocópias daquele livro oficializado do ano de 1983, para eles até então servia apenas dentro do Sindicato, mas que nesse estudo, por exemplo, foi imprescindível os dados contidos nela, onde constam informações referentes a frequência dos participantes, questões orçamentárias da mesma, na década em foco e anos posteriores, as pessoas que ocuparam cargos dentro dessa instituição, enfim, contribuíram bastante para situar no contexto da escrita desenvolvida, proporcionando saber quem seriam as pessoas, possíveis entrevistados, assim como as fotografias, algumas delas cedidas gentilmente por essas pessoas. Os livros de memorialistas da cidade deram um suporte ao serem descritos neles aspectos políticos, econômicos e sociais deste município piauiense, dentre outros. É incontestável a importância dos dados contidos nessas poucas fontes, porém algumas imprecisões e incorreções, muitas vezes, se fazem presentes neles, sendo estes insuficientes para o desenvolvimento este trabalho.

Diante dessas dificuldades devido às fontes documentais serem bastante restritas e do anseio pessoal e enquanto historiador para traçar a história da instituição sindical, das lutas, e dos benefícios propiciados pelo firmamento dessa instituição, a História Oral se fez uma grande aliada nessa escrita e trajetória enquanto pesquisador. As entrevistas realizadas com habitantes do município que vivenciaram e participaram dos acontecimentos da época, sem dúvida, elucidaram melhor os fatos e dados obtidos na qual o complemento teórico se faz fundamental em muitas pesquisas.

As entrevistas permitiram a possibilidade de conhecer os dados e informações sobre a história dessa instituição sindical, que nunca antes haviam sido escrito, mas que certamente permanecem na memória individual e coletiva das pessoas que participaram daquele momento. Conhecermos os ideais de luta desses sujeitos sociais que participaram ativamente do processo de formação e consolidação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Francisco Santos foi significativo, pois este estudo proporcionou uma melhor compreensão das ideologias e experiências desse grupo de lavradores que se tornaram determinantes nesse momento de luta e também para a história local do município. As entrevistas concedidas por alguns desses sujeitos, nomes escolhidos pela verificação das atas e das fotografias, revelaram muitos detalhes e fatos que até então permaneciam silenciados. Com utilização da História Oral, ficamos, portanto, possibilitados de conhecer esses ideais de luta por melhorias por parte dessa comunidade, congregando especialmente os líderes e trabalhadores rurais engajados.

Sobre a História Oral, Alessandro Portelli argumenta que:

“Representações e fatos não existem em esferas isoladas. Representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos. Os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da História Oral que é contabilizada como história dos fatos reconstruídos, mas também aprende em sua prática de trabalho de campo ideológico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender as representações”. (PORTELLI, 1996, p. 110).

Os relatos orais permitiram o acesso às informações ainda desconhecidas de muitas pessoas, já que o Sindicato funciona há mais de três décadas na cidade. Além dos ideais sindicalistas, bem como outros aspectos relacionados a essa instituição, fora possível nessas falas conhecer suas vivências relacionadas, por exemplo, ao trabalho, à família ao cotidiano e suas histórias de vidas desses homens e mulheres do campo, ligados ao Sindicato. As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro, mas que esteve sempre muito flexível à

memória e às falas dos entrevistados. É válido ressaltar ainda que durante as conversas com esses militantes nos apropriamos do seu tempo e espaço. Eles narram a partir do seu próprio presente as experiências pessoais e trabalhistas vivenciadas. O nosso exercício enquanto historiador, como apresenta Yara Aun Khoury, é compreender “não um passado dado, mas os significados atribuídos a esse passado no momento presente das pessoas”. (p. 31, 2006)

Em suas memórias foram possível analisar questões importantes dos seus cotidianos. Esses militantes foram ao mesmo tempo trabalhadores rurais que dedicaram parte de suas vidas a fundação e estabelecimento da instituição bem como aos trabalhos na roça. A partir das narrativas orais além de possível conhecermos a História do Sindicato, elas permitiram através da manifestação da memória individual proporcionarem a esses sujeitos uma chance de socializarem suas histórias, aquilo que tanto silenciaram. Para Alessandro Portelli (1996) a subjetividade representa a própria História, pois reconhecer os depoimentos como fonte histórica é fortalecer e amadurecer uma concepção de história que ajuda a problematizar os sujeitos e os significados que eles atribuem as suas experiências, mas que são expressos por valores, experiências, crenças, enfim, sua subjetividade. E mais ainda, dentre os fatos dos quais eles se lembram devido ao grau de importância na vida dessas pessoas, seleciona-se o que se quer lembrar e que parece ser melhor esquecer, é que observa Portelli, considerando isso ele argumenta que:

“O principal paradoxo da História Oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa que decidida a escrever sua própria autobiografia, (como é o caso de Frederick Douglas), que concorde em responder uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos ou podem estar à disposição da filosofia dos outros nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse”. (PORTELLI, 1996, p. 02).

A partir do roteiro que foi anteriormente elaborado, no qual foram inseridas questões para desenvolver essa escrita e que instigam-nos a conhecer a história do Sindicato, podemos perceber que as entrevistas não se reduziram apenas a conversas sobre o movimento realizado a fim de abrir a instituição sindical na cidade. Foram considerados nas falas outros aspectos ao que tocam as suas vidas e experiências pessoais relacionados à família, ao trabalho, ao cotidiano, dentre outros. Portelli resalta a importância da subjetividade pontuando que:



“A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem significado à própria existência e a própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho, quer dizer, em última instância, torcer o significado dos próprios fatos marcados”. (PORTELLI, 1996, p. 02).

Para a composição desta escrita no que toca as questões específicas, ou seja, aquelas relacionadas ao Sindicato, as entrevistas foram muito importante. Estas representam uma fonte, pois elas permitem aos historiadores que trabalham com a História Oral o acesso à memórias de agentes sociais. A entrevista pode ser vista como uma troca entre dois sujeitos, sendo, portanto, uma visão mútua, como assinala Alessandro Portelli, e se torna importante a relação estabelecida entre o pesquisador e o informante. Nas primeiras conversas, o contato inicial, com os entrevistados se deu informalmente, foi-se em suas respectivas residências e relatou-se quais as pretensões ao entrevistá-los, logo, ficaram muito surpresos com esses interesses, mas também felizes por poderem compartilhar suas memórias, com alguém mais jovem, como assim disseram, a história de uma conquista tão marcante para essa cidade, como eles apresentaram. A partir desse momento em que apresentamos esses objetivos e questões, eles prontamente se dispuseram a colaborar com suas memórias, onde construímos então uma relação de proximidade e isso contribui para o nosso bom diálogo.

A análise das memórias individuais e coletivas das pessoas que integraram este movimento de luta pela abertura do Sindicato foi algo determinante para essa escrita. Rejane Meireles Amaral Rodrigues informa que uma das importâncias do trabalho sobre memória é “explorar tensões, as contradições do social, mantendo viva a tentativa de desconstruir processos claros de apagamento das memórias dos vencidos e de outros autores de suas experiências sociais ao longo da História.” (2008, p. 374).

Portanto, é válido destacar aqui que as reflexões dos autores acima citados foram essenciais, pois essas leituras mediaram nossa obtenção de conhecimentos acerca principalmente, da metodologia da História Oral, que foi indispensável para a escrita. O trabalho com as fontes orais constitui-se, portanto, uma experiência significativa para a escrita desses capítulos, em decorrência da escassez e restrições de fontes escritas a respeito do Sindicato de Francisco Santos.

Assim, dá-se início as atividades, com a realização das entrevistas. Foram entrevistadas três pessoas entre os meses de agosto e setembro de 2014. Uma mulher e dois homens, que com suas contribuições nos permitiram primeiro, conhecer, em seguida, descrever a história do Sindicato dos Trabalhadores Rurais desse município piauiense. Para

uma melhor compreensão podemos distribuí-los sucintamente da seguinte forma: A primeira entrevista foi concedida por Maria do Socorro Rodrigues, sexo feminino, 58 anos, aposentada e lavradora; o segundo entrevistado foi Francisco Vicente Rodrigues, sexo masculino, 64 anos, aposentado, é também conhecido como “Dêdê”; o terceiro entrevistado foi Manoel José de Sousa, Seu Manoel, também conhecido como “Manoel Brás”, sexo masculino, 66 anos, aposentado, trabalha atualmente como poeta e violeiro, uma atividade secundária que paralela à agricultura desenvolveu por toda sua vida, o qual será atribuído algumas vezes também o seu nome popular.

Essas foram às três pessoas para as quais as perguntas do roteiro de entrevista foram lançadas, escolha que se deu também a partir da frequência analisada em Ata do Sindicato, assim como em fotografias, como já pontuado. Estes sujeitos, apesar de cada qual possuir a sua realidade individual, possuíam diversos fatores em comum como: Faixa etária, o fato de sempre terem sido lavradores desde a infância, a participação ativa nos movimentos realizados para implantar o Sindicato, o fato de terem ocupado cargos dentro da instituição, tais como: diretor, secretário, dirigente, tesoureiro, dentre outros, e também o fato de já serem aposentados, mas ainda serem contribuintes no Sindicato deste município, atualmente. Dessa forma, a história que pretendemos contar aqui, será com base nos relatos desses militantes que ativamente se dispuseram a lutar pela abertura e estabelecimento desse espaço de luta. Uma reflexão que propõe alguns questionamentos. Como foi idealizado? quem eram os participantes? o que pretendiam ao militarem? o que alcançaram? onde se reuniam? mulheres participavam? É com base nesses questionamentos que se darão o preenchimento das linhas a seguir.

No primeiro capítulo foi feita uma breve abordagem sobre o Sindicato de Francisco Santos nos dias atuais sob o olhar dos militantes que lutaram pelo seu firmamento, bem como os aspectos que levaram a sua criação na década de seu surgimento, em seguida, foi realizada uma análise sobre os objetivos e benefícios conquistados pelos lavradores. Nos dois capítulos são destacados os aspectos relativos à economia da cidade durante o início da década de 1980, bem como as experiências dos trabalhadores nas mais diversas atividades agrícolas municipais durante suas trajetórias de vida, a fim de demonstrar que eram principalmente, os lavradores, os geradores de renda e que eram os mais interessados em implantar a instituição na cidade.

Para os argumentos teóricos foram usados principalmente, Eder Sader, em suas discussões sobre os sujeitos e discursos por ele produzidos nos diversos espaços, se tornando

estes, visionados pela história, e Edward Palmer Thompson sobre suas questões em torno de consciência de classe. Para embasar os argumentos relativos ao município baseou-se além dos relatos orais, em alguns autores que destinaram suas pesquisas e trabalhos à análise da realidade da cidade referida em seus variados âmbitos, são eles: Rosa Isaura Santos (2003) professora aposentada e poetisa; Mariano da Silva Neto (1985) memorialista, professor, poeta e escritor, assim como também é João Bosco da Silva (2010).

No segundo capítulo, são analisados alguns dos aspectos sindicalistas e sociais de Francisco Santos após sua fundação. É verificada a participação dos lavradores na instituição, demonstrando que as reuniões sindicais foram importantes espaços de sociabilidades, entre os associados e a população da cidade, ocorrendo as mesmas nos mais diversos lugares, como em colégios, salão comunitário, localidades interioranas, etc. Além disso, verificou-se ainda a participação feminina demonstrando a partir da fala dos entrevistados, principalmente, a de Maria do Socorro Rodrigues, como se deu a luta das mulheres na instituição.

## 1 ENTRE LUTAS E CONQUISTAS: Uma análise da história do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Francisco Santos-PI

### 1.1 O SINDICATO NA ATUALIDADE: Um olhar de quem participou na década de 1980.



*Figura 1: Fotografia atual do prédio do sindicato. Fonte: Acervo particular de Francisca Carvalho.*

Essa fotografia acima foi feita recentemente e corresponde a parte frontal do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do município de Francisco Santos, cidade que possui atualmente 8592 habitantes, segundo o IBGE. Esse prédio que é atualmente a sede oficial, só foi conquistado apenas uns oito anos, aproximadamente, após seu estabelecimento, localizando-se na Rua Padre José Franco da referida cidade.

Sindicatos na atualidade são instituições sociais que exercem papéis marcantes nos dias presentes e são de extrema relevância para seus membros, bem como para a população como um todo. Essas instituições permitem diversas conquistas e reconhecimento dos direitos de seus filiados e participantes ativos. É de grande importância ressaltar, ainda, a possibilidade dos sindicatos responderem por classes e objetivos separados, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que é o modo de representação institucional na defesa dos direitos e interesses dos lavradores do Município de Francisco Santos.

A história do Sindicato dos Trabalhadores do município referido acima será o principal objeto de estudo da presente análise. O sindicato dessa cidade surgiu no ano de 1981, e teve seu reconhecimento oficializado como consta em ata de abertura no ano de 1983, anos que representavam o início de uma década importante para o Brasil que se encontrava ainda sob a condição política do governo civil-militar.

É ainda plausível assinalar que nesses anos de fundação e reconhecimento da referida instituição, o país se encontrava com as bases políticas contidas na constituição de 1967, nela qualquer direito de manifestação trabalhista ou greve era ausente, o que privava o exercício democrático da cidadania. No entanto nesse período, o país começava a atravessar o caminho que o levaria de volta para a democracia.

Antes de adentrar na história de lutas e conquistas, bem como a análise das questões que nos movem a conhecer essa temática e que se deu principalmente, partir dos dados contidos nas falas dos militantes engajados, já apresentados anteriormente, será desenvolvida uma breve análise do Sindicato de Francisco Santos na atualidade, com base na concepção daqueles que lutaram e batalharam pelo seu estabelecimento na década de 1980.

É inegável a importância dessa instituição sindical para região, pois o histórico de lutas e conquistas do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos é algo que surpreende. Por meio de relatos e conversas que ocorreram também informalmente, e das entrevistas realizadas com pessoas que ocuparam cargos, como: dirigentes, diretores e secretários do sindicato, podemos assim constatar. Os entrevistados foram pessoas que ocuparam algum cargo dentro da instituição ainda na década de 1980. Pôde ser percebida a importância dessa instituição para a História do município de Francisco Santos, principalmente para aqueles que muito lutaram pela sua abertura e crescimento ao longo desses 33 anos.

Pelos apontamentos feitos em suas narrativas, pelos entrevistados a respeito da história dessa instituição é notável que o Sindicato, embora proporcione ainda inúmeros benefícios ao homem do campo e esclarecimentos sobre os seus direitos trabalhistas, não luta da mesma maneira que militava há anos atrás. Segundo apresentaram as fontes orais houve diferente dos anos iniciais do surgimento do Sindicato, um enfraquecimento das militâncias, atos públicos e comemorações dessa instituição. Para Maria do Socorro Rodrigues:

“O sindicato ainda é atuante, importante, mas tá mais um posto de aposentadoria, trabalhando mais dentro dessa área. Ele tá incentivando mais o povo dentro da área também. Hoje num tem mais incentivo ao povo dentro da terra, pra conquistar a terra, pra conquistar um projeto, uma coisa, outra, mas sim, pra conquistar a aposentadoria, um auxílio doença, essas coisas, o povo tá muito limitado dentro desses termos de aposentar”.

O Sindicato da cidade de Francisco Santos há anos atrás, como pontuou “Manoel Brás”:

“Militava contra patrões e três classes principais que são: Patrão político, patrão latifundiário e patrão comerciário. Era isso que o Sindicato combatia, autêntico e verdadeiro. Não caminhava junto com esses. Foram caminhadas e caminhadas. Fizemos por toda essa cidade, batendo cumbuca, cambite, socotó e latas, reivindicando. “Tá faltando água naquela rua, tá faltando energia naquela outra, tá esburacada a cidade”, tudo isso aí o sindicato estava marcando presença. Aí hoje, com qualquer coisa o povo se conforma, não era pra se conformar da maneira que está”.

Pelas falas de ‘Manoel Brás’ e Maria do Socorro Rodrigues é possível perceber as mudanças que nos chamam atenção durante a escrita sobre o Sindicato, porque nunca mais houveram manifestações e atos públicos como os descritos acima na referida cidade, são falas como essas que instigaram a querer buscar e analisar essas mudanças.

A história das lutas sindicalistas na região de Francisco Santos é marcada por muitas batalhas e manifestações. Porém, o sindicato analisado como vimos na fala acima, atualmente mostra-se com uma fraca atuação no sentido de promover atos públicos, manifestações, reivindicações. No entanto é interessante ressaltar a partir dos relatos que essas mudanças não tornam a instituição menos importante do que foi na década de 1980 e 1990, pois muitos dos objetivos que se propunham conseguir com a criação da instituição são proporcionados aos seus associados atualmente, tais como: cisternas, aposentadorias, salário maternidade, enfim, benefícios que foram almejos dos militantes no início de suas lutas, há mais de trinta anos.

Estes, que são e foram pessoas que tem nas atividades agrícolas seus meios de sobrevivência, ou seja, os moradores do campo. Considerando esses fatos seria, portanto, plausível afirmar que aquela instituição que um dia priorizou o coletivo virou algo individualizado? Essa individualização gera uma crise de identidade e representação do sindicato? São questões a se pensar. Portanto a década de 1980 foi de considerável importância para a cidade de Francisco Santos e para os trabalhadores, principalmente, no que toca aos seus aspectos voltados para o meio social, que obteve com o surgimento do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, um expressivo grau de representatividade para os habitantes do município que em sua maioria era composta por lavradores.

O aspecto econômico da cidade é possível supor foi então um fator determinante para instalação desse órgão social, uma vez que a base econômica advinha das práticas agrícolas e pecuaristas. Plantações e cultivos de diversas culturas se faziam presentes naquele período e, embora em menor quantidade, ainda se fazem nos dias atuais. Dentre os produtos cultivados podemos destacar: a mandioca, o feijão, o alho, o milho, a cebola, dentre outras. Algumas dessas espécies vegetais não fazem mais parte da agricultura desenvolvida atualmente.

Embora ainda seja participante presente do Sindicato na atualidade, pois é convidado para participar de todas as reuniões e decisões importantes quando tomadas, “Manoel Brás” nos relata, com um tom saudosista, a respeito das décadas de 1980 e 1990:

“Eu sinto falta desse tipo de luta, de reivindicação, de manifestação, de levantamento de cartaz, de bandeirolas e de tantas outras coisas que existiu e que num tá mais existindo. Hoje essas lutas, essas cobranças da malfeitoria que tá acontecendo, que tá tendo agora no município, falta organização, falta um puxador que é o presidente do sindicato. Nunca se pode concordar com os desmandos que tá acontecendo se você é presidente de uma categoria”.

Ficou constatado nas respostas concedidas pelos entrevistados que no decorrer dos anos desde a sua fundação no início da década de 1980, nos quais o regime civil-militar começava a fraquejar por todo o Brasil, foi instituída a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos, organização de grande relevância para a história do município devido à sua atuação e ao seu histórico de lutas e melhorias para classe que trabalhava na roça.

Eram esses mesmos trabalhadores ligados ao campo que atuavam na instituição que se manifestava de diversas maneiras contra os desmandos políticos e malfeitorias que viessem acarretar problemas ao município, o que o entrevistado Seu Manoel sente falta, como relatado “é da falta de engajamento da população, da inconformidade do povo” pra ele, estão acomodados, “pouco se ligando para qualquer demanda político que seja”.

Portanto, com o passar dos anos em meio a diversas conquistas intermediadas por essa instituição e que mudaram a vida de muitos habitantes para melhor, notamos que houve um enfraquecimento na atuação do Sindicato e nas formas de agir da população. É com base nesse olhar que nos chama bastante atenção dos participantes, das pessoas que presenciaram a idealização, a criação e a oficialidade do Sindicato de Francisco Santos que se dá início a abordagem sobre a história dessa instituição. Socorro Rodrigues diz que nós já temos muitos dos nossos direitos, melhorou e muito, mas a gente nunca pode parar de lutar, a luta não pode parar, sempre falta alguma coisa, sempre faltará para alguém, então, tem que se organizar e lutar, e com essas palavras da primeira entrevistada, conclui-se essa breve visão sobre o Sindicato atualmente e passamos a analisar sua história.

## **1.2 DO SURGIMENTO AS CONQUISTAS: Os benefícios e melhorias alcançadas pelos trabalhadores rurais associados ao Sindicato**

Antes de verificar sobre os aspectos que permitiram a fundação do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Francisco Santos-PI será transcrito um trecho da Ata de abertura da presente instituição tema deste trabalho, nela constam informações importantes que serão melhores enfatizadas no decorrer da escrita, como participantes, espaços, etc:

“aos vinte e dois dias do mês de novembro do ano de mil, novecentos e oitenta e um, as dez horas, no auditório do ginásio escolar Cristo Rei, na cidade de Francisco Santos- PI, com a presença dos senhores: Osmar Antônio de Araújo – presidente da FETAG-PI, Elpídio Arlindo- prefeito municipal, Hidelgardes Correa e Analice, representantes da CPT, Anísio Ivanildo Rodrigues-representante da Agespisa, José Pinheiro, presidente do Sindicato de Pimenteiras, André Sandro, vigário da paróquia de Pimenteiras. Os trabalhos foram abertos e dirigidos pelo Senhor Omar Antônio de Araújo e secretariado pela irmã Hidelgardes corrêa. Após a abertura dos trabalhos o presidente da mesa convocou a irmã Hidelgardes para funcionar como secretaria a qual aceitou. Assim dando prosseguimento aos trabalhos o presidente da mesa solicitou a secretaria para que fizesse a leitura do edital de convocação, o qual foi atendida prontamente. Após essa leitura considerando que todos os presentes tomaram conhecimento da matéria da ordem do dia, que era a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos-PI. Com isso o presidente dos trabalhos colocou a matéria em discussão e todos os trabalhadores presentes foram favoráveis a criação do Sindicato da classe trabalhadora rural desse município. Com essa decisão, foi feita pela secretaria a leitura dos estatutos sociais para conhecimento de todos. Terminada a leitura dos estatutos, o mesmo foi de grande apreciação e aceitação pelos trabalhadores rurais, ou seja, aprovado pelos mesmos trabalhadores presentes”.(LIVRO DE ATAS, abertura, 1981, p.01)

A década de 1980, como sabemos, foi um período de grande importância para a História do Brasil devido a sua complexidade no que tange as questões políticas, econômicas e sociais, pois desde os anos finais da década de 1970 começava a se proliferar em todo o Brasil, ideais e movimentos contrários ao regime civil-militar que dominava a nação desde o ano de 1964 e que reprimia fortemente a formação de grupos e organizações sindicais.

Eder Sader (1988) relata que ao final da década de 1970, vários textos passaram a se referir à irrupção de movimentos operários e populares que emergiam com a marca da autonomia e da contestação à ordem estabelecida. Teve seu berço no Sindicato de São Bernardo em São Paulo, era o “novo sindicalismo” que pretendia ser independente do Estado e dos partidos políticos segundo Lúcio Alves (2002). Representavam os novos movimentos de “bairro”, que se constituíram em um processo de auto-organização, reivindicando direitos e



não mais trocando favores como os do passado. Era o surgimento de um novo meio de sociabilidade feito em associações comunitárias, nas quais a solidariedade e a autoajuda se contrapunham aos valores da sociedade inclusiva. Eram “os novos movimentos sociais”, que politizavam espaços antes silenciados na esfera privada. De onde ninguém esperava pareciam emergir novos sujeitos coletivos que criavam seu próprio espaço e requeriam novas categorias para sua inteligibilidade (SADER, 1988, p. 36). Pelas formas como ocorrera no município de Francisco Santos a idealização e implantação dessa instituição sindical é notável que os discursos em torno da sociedade se espalharam e atingiram as mais diversas regiões do país.

O trecho citado acima foi retirado do livro de Eder Sader (1988) intitulado *Quando Novos Personagens Entram em Cena*, tem a finalidade demonstrar que esses novos personagens visionados pela História, principalmente na década de 1980, e que ocuparam os espaços no trabalho de Sader e outros autores, são os mesmos personagens que ocupam agora esta escrita, ou seja, os trabalhadores e lavradores que se empenharam na fundação e permanência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos, que foi instituído em 1981 e permanece trazendo benefícios a essa classe trabalhadora nos dias presentes.

Verificando a reflexão e identificação desses sujeitos, Eder Sader relata que tem se utilizado da noção de sujeito para nomear os movimentos sociais, ressaltando ainda a importância da discussão sobre o significado de sujeitos. Em seus argumentos ele informa que “quando a noção de sujeito coletivo é no sentido de uma coletividade onde se elabora uma identidade se organizam práticas através dos quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas” (1988, p.55).

Quando foi questionado sobre o que o influenciou a participar e militar no Sindicato de Francisco Santos, o entrevistado, “Dêdê”, atualmente já é aposentado, nos responde que:

“Sabe Porquê? Por que eu acho que cada pessoa tem sua classe, os professores tem a deles, e o trabalhador rural tem que tê a sua, o seu local de luta. Então se eu me achava um trabalhador rural, por que eu num vivia de viagem, num tinha comércio, só trabalhava na roça então eu resolvi me associar. Fui membro do sindicato, lá também se criou uma cooperativa de pequenos agricultores, eu era suplente lá do presidente, eu trabalhei muito por muito tempo e ainda hoje convivo com o pessoal de lá do sindicato”.

Enquanto homem que tinha no campo seu meio de sobrevivência, Francisco Vicente Rodrigues aponta em sua fala os motivos que o fizeram adentrar e militar, pois tinha em sua consciência que enquanto trabalhador rural o lugar social o qual poderia alcançar melhorias e benefícios para si como agricultor, era o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Observamos na

fala de "Dê dê sua consciência de classe por segundo ele se encaixar nessa categoria, analisando o conceito de classe em Thompson vemos que:

Classe é uma categoria histórica, ou seja, deriva de processos sociais através do tempo. Conhecemos as classes por que repetidamente as pessoas se comportam de modo classista. Este andamento histórico gera regularidade de resposta em situações análogas e, em certo nível, (o da formação de classes), permite-nos observar o nascer de instituições e de uma cultura com traços de classes passíveis de uma comparação internacional. Somos, então, levados a teorizar este fenômeno como uma teoria global das classes e de sua formação, esperando encontrar algumas regularidades, certos "estágios" de desenvolvimento, etc. (THOMPSON, 2001, p. 270)".

Dentro dessa instituição social, sindical do município de Francisco Santos os trabalhadores do campo foram os sujeitos históricos analisados. Faz-se de extrema importância que conheçamos na abordagem, além da instituição sindical, os sujeitos sociais que a compõem, bem como as suas histórias a qual serão apresentadas no decorrer dos capítulos. Muitas vezes, esquecidos pela história que privilegia os grandes feitos e grandes homens, tratando os trabalhadores do campo como sujeitos passivos em suas lutas nas questões sociais, em Thompson, é possível ver os trabalhadores rurais como sujeitos ativos.

"Também foi um ministério whig que sancionou, três anos mais tarde, a deportação dos trabalhadores de tolpuddle, em Setshire, que cometeram a insolência de formar um sindicato. Esta revolta de trabalhadores rurais estendeu-se principalmente pela East Anglia e nas regiões centrais, assim como nos condados do sul, durando mais tempo do que se desprende nos textos de Hammond". (THOMPSON, 2011, p. 60).

Ao ser utilizada a História Oral como perspectiva para essa escrita, teve-se o intuito maior trazer as histórias que estavam adormecidas na memória individual e coletiva dessas pessoas que conhecem a história deste sindicato desde o seu surgimento. A realização das entrevistas foi algo que proporcionou a esses sujeitos que atuaram ativamente frente à instituição socializarem suas lutas, batalhas e os seus fazeres como agentes sociais. Essas pessoas pelas suas atuações, fizeram portanto e ainda fazem parte das histórias de lutas e da trajetória dessa instituição.

Quando indagada sobre a importância de participar do Sindicato, Maria do Socorro Rodrigues nos relata que:

“O que eu achava importante, assim, era a organização e a forma como o povo se organizava, a irmandade, o espírito de comunhão, que sozinho a gente não se pode andar, eu achava importante por causa da união, em primeiro lugar, a união, aonde você chegasse, onde tá um diretor do sindicato que você lutava mais ele, você se sentia assim, protegido, tinha ali uma pessoa da sua classe”.

Com este espírito de união, irmandade e organização que era marcante nesse órgão, como assinalamos, percebemos que a sentimentalidade, a subjetividade é importante para que compreendamos essa história de lutas, reflexões feitas em Alessandro Portelli (1996). Como assinalado por Maria do Socorro Rodrigues, Rosiléa Clara Werner (2009) pontua que o movimento sindical surgiu para tirar o trabalhador do individualismo e possibilitar um espaço de organização, união e de lutas por melhores condições de trabalho e de vida.

Percebemos então que os trabalhadores rurais e da cidade naquela conjuntura da sociedade, se organizaram e enfrentaram enormes adversidades oriundas do regime ditatorial do governo civil-militar como a proibição de formar organizações sindicais. Porém, foram até o fim para conseguir aquilo que era o seu principal objeto de desejo, que era a fundação do sindicato para os homens e mulheres do campo que compunham o município e tanto colaboravam com a economia local seja na agricultura ou na pecuária.

Em uma análise voltada para a união de classe e da coletividade, Thompson afirma que:

“A classe se delineia segundo o modo como os homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo as experiências de suas situações determinadas no interior “do conjunto de suas relações sociais”, como cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural. De tal sorte que, afinal, nenhum modelo pode dar-nos aquilo que deveria ser a “verdadeira” formação de classe em certo “estágio” de processo”. (THOMPSON, 2001, p. 277).

A História é um processo de construção permanente e é, segundo Lucília Delgado (2011), marcado por temporalidades e delimitações espaciais. É um processo construído por sujeitos individuais e sujeitos coletivos, dinâmicas complexas, ideologias, cultura, vida privada, ações públicas, representações, imaginários, lutas, reações, resistências, valores, instituições, entre múltiplas variáveis que constituem a complexa rede de inserção da vida em comunidade através do tempo. É perceptível, portanto, que a análise do sindicato como instituição social permitiu-nos não somente conhecer a instituição em si, mas também compreender quem foram e o que faziam essas pessoas (sujeitos) que fizeram parte dela e demonstrando que são as ações desse (s) grupo (s) que dão sentido à História.

Todos esses aspectos que fazem parte da instituição sindical, bem como seus participantes, são temas de análise que possuem grande relevância e valor histórico, pois como assinala Lucília Delgado (2011), os sujeitos construtores da História Política são diversos e representam interesses plurais, próprios à realidade humana. São sujeitos individuais, homens e mulheres, que escolhem a vida pública como profissão ou se inserem nas lutas sociais como militantes, como é o caso dos entrevistados, pessoas que compuseram e compõem os diversos momentos da história do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos-PI.

A análise dessa instituição contempla como já foi explanado, não só o início da década de 1980, mas também os anos que se sucederam, pois assim conhecemos a importância da instituição para esses sujeitos que se engajaram em uma época de firmamento do sindicato, diferente de quem já se filia, por exemplo, na atualidade.

Através das conversas informais, da leitura de algumas atas e principalmente das entrevistas foi constatado que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais surgiu da ideia de duas irmãs religiosas que estiveram na cidade no fim da década de 1970 e início da década de 80. Elas vieram do Estado do Rio Grande do Sul, de acordo com “Manoel Brás”, e que, ligadas as Comunidades Eclesiais de Base, as chamadas CEB’S, comunidades inclusivistas ligadas a igreja católica, procuraram por intermédio da igreja que sempre teve fortes influências sobre a população da cidade e que é bastante conhecida pela sua religiosidade, criar os grupos e comunidades que foram muito importantes para a sedimentação e construção do município.

As comunidades eclesiais de base nesta cidade foram implantadas por Dom Augusto Alves da Rocha, quando era bispo de Picos-PI, e pelas irmãs da congregação do Imaculado Coração de Maria, padroeira da cidade. As irmãs Hidalgardes e Analice chegaram a cidade em 1979, as quais prestaram um importante serviço na organização e atuação da igreja, ajudando o povo a fazer a ligação da fé com a vida, como apontou Silva (2010), até hoje seus ensinamentos e orientações são repassadas entre gerações, pois suas lições básicas de organizações comunitárias, assim também como saúde e higiene, contribuíram significativamente para o esclarecimento da população.

Sobre as irmãs que tanto incentivaram e contribuíram para a iniciativa de fundar a instituição sindical, Socorro Rodrigues assinala que:

“No tempo em que veio as irmãs, eram as irmãs Hidelgardes e Analice, elas começaram a incentivar para criar os grupos comunitários. Elas junto com o povo da roça, junto com o povo trabalhador, elas criaram o sindicato, associando o povo do interior, a organizar, a fazer reuniões e colocando o povo e incentivando, qual era as coisas a se fazer. O que fazia a gente a participar, o que era de bom que vinha, o retorno do que viria de melhor para o homem trabalhador, o direito e dos deveres que, de primeiro, nem dever a gente, como diz a história, não tinha, não tinha direito nem de falar, então elas procuraram ligar as comunidades e o povo às lutas sociais”.

É sabido que a formação de grupos comunitários e instituições foram características marcantes no Brasil com o desgaste do regime civil-miliar. A construção dos ideais sindicalistas que faziam parte do cotidiano ideológico dos sujeitos envolvidos nesse processo é de certa forma, conhecer as características do restante da nação, embora não possamos deixar de considerar as particularidades de cada um, de cada lugar.

Socorro Rodrigues nos diz que aqui a luta não foi diferente da luta dos outros lugares, porém, para Socorro uma peculiaridade marcante era a questão da terra. Para ela:

“A diferença que tinha era que o povo daqui, as terras eram mais divididas um pouco, por que nem todo mundo não tinha terra, mas os pais dividiam as terras com os filhos, tinha muita gente que não tinha terra, aí vinha os arrendados, como João de Bó que veio de fora e pagava aqui mesmo em tio Elizeu, ele pagava em três, uma. Trabalhou aqui foi muito tempo, eu me lembro, ele pagou e muita gente pagou”.

Nos relatos orais com questionamentos que iam desde sua vida na infância até pouco tempo atrás, e por sempre ter trabalhado nas atividades ligadas a terra, ao relatar sobre essa particularidade, foi em seguida, solicitado a Maria do Socorro Rodrigues que descrevesse um pouco sobre as principais características referentes a questão da posse da terra. Como conhecedora de causa, ela nos apresentou em sua fala que em sua maioria os meios de obtenção e posse da terra em Francisco Santos:

“Era por meio de heranças, era assim, os filhos, os pais acolhiam os seus filhos que trabalhavam nas terras deles. Como “padrim”, ele doou a terra todinha para os filhos dele e os filhos deles já doaram os pedaços que eles tinham para os netos e assim era a maioria aqui do povo, por que nessa região num tinha grandes concentrações de terras não, num sabe. As terras aqui eram mais divididas, eram mais divididas aqui”.

Através das entrevistas até mesmo das leituras dos memorialistas do município foi possível constatar que em Francisco Santos não havia grandes concentrações de terras que impossibilitassem os trabalhadores de cultivarem e de produzirem. É importante assinalar, no

entanto, que paralela ao trabalho dos donos de terras bem como suas famílias, haviam os que não possuíam roças próprias, Manoel José de Sousa, ao ser questionado se começou a trabalhar cedo responde que:

“Foi na década de 50, 60 e 70 que convivi com meus pais. Os plantios eram mandioca, feijão, o milho, alho. Papai também plantou um pouquinho de arroz nessas lagoas em beira de rio, que não era roça dele, mas ele pedia e aí o povo sempre concedia, plantando também um pouquinho de arroz. Em 70 mesmo, ele chegou a plantar também alho, na extrema de Monsenhor Hipólito à Santo Antônio de Lisboa, então fez plantio de alho também”.

Em seus relatos sobre os produtos que cultivava com sua família vemos as diversidades das atividades agrícolas, pois plantavam e ainda plantam-se neste município mandioca, milho, feijão, mas culturas como o alho e arroz são inexistentes. “Manoel Brás” demonstra ainda no trecho acima o espírito de solidariedade franciscossantenses, pois embora dissesse que seu pai não tivesse terras próprias, plantava graças a doações de amigos. Sobre os trabalhadores deste município, “Dêdê” diz que tinham os que não trabalhavam em terras próprias e por isso recebiam pelos trabalhos que faziam nas lavouras de outros.

Silva (2010) quando analisa o modo de vida destes trabalhadores, informa que alguns franciscossantenses que não tinham bens de raiz e cujo capital era unicamente os braços para o trabalho, o “dia de serviço”, se constituía no único meio de vida, o ganha-pão que ensejava a manutenção da família. O “dia de serviço” se refere a um trabalho braçal em que o trabalhador recebe uma quantia em dinheiro ou em algum produto por o dia de trabalho, que geralmente começava às sete da manhã e ía até as cinco da tarde, com intervalo para o almoço por volta do meio dia.

Em Francisco Santos inexistiam grandes propriedades, como pontuaram os entrevistados em seus relatos e os autores locais citados, mas como nem todos os lavradores possuíam terras próprias essa era uma das coisas que os lavradores associados do sindicato pretendiam alcançar. Sendo assim, mesmo com particularidades e distinções em suas características vimos que para Thompson (2011) a consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas com características peculiares ao perfil dos sujeitos e das realidades.

Como apresentamos anteriormente, as lutas em prol da abertura do sindicato na cidade de Francisco Santos se deram no momento de reabertura política, no fim do regime ditador dos civis da elite e dos militares, pois os grupos desejavam melhorar as condições sociais e econômicas das classes menos favorecidas. Com o surgimento da CUT (Central

Única dos Trabalhadores), por exemplo, a década de 1980 se transformou em um período de construção e sedimentação da classe trabalhadora nos mais variados níveis, não sendo diferente quanto aos trabalhadores rurais que a partir da proliferação dos discursos democráticos viram uma chance de aperfeiçoar suas lutas e ideias, bem como o engajamento nas lutas sindicais. Sobre o surgimento da CUT, “Manoel Brás”, orgulhoso de ter participado deste momento tão importante e marcante para os trabalhadores, frisa que:

“Chegou em 83. Eu me arranquei daqui com Milanês e Dedé de Zé Honório, fomos os três escolhidos pelo sindicato daqui pra representar o Sindicato de Francisco Santos em São Paulo, na CUT em São Paulo. Fomos, passamos oito dias no trajeto da viagem pra fundar a CUT. Foi nesse ano que conheci Lula, assim no Pavilhão de Vera Cruz, perto da prefeitura, ele marcou forte presença lá e foi à criação da CUT nesse ano de 1983”.

Em outro momento da entrevista, em que se procurava compreender os órgãos com os quais o Sindicato de Francisco Santos tinha relações, bem como para compreensão da parceria entre a instituição sindical e a igreja durante o seu processo de construção e emancipação, se obteve a seguinte resposta de “Manoel Brás”:

“A igreja não soltava, inclusive nos custeou com a comida pra poder chegarmos a São Paulo, que o sindicato nesse tempo quase não tinha dinheiro, nem arrecadava quase nada. Então a igreja, com as irmãs Hidelgardes e Analice que faziam parte ativas com outros padres como ativos, não é alienado à política, nem a patrão comercial, nem patrão latifundiário, latifundiário, possuidor de muitas de terras, o patrão comercial é esse povo que vive do comércio e político, cê sabe que num tem nada pra trabalhador, então a igreja era do nosso lado, arcou com a comistia, pra eu, Dedé e Milanês irmos a São Paulo, em 83, no ano quando foi fundar a CUT”.

Podemos perceber no relato acima que a igreja teve forte ligação com o Sindicato. O Senhor Manoel apresentando a situação financeira da instituição no início da sua fundação, na qual conhecia bem, diz que a mesma quase não tinha dinheiro, pois os seus associados eram pessoas sem bens financeiros, e a mesma arrecadava muito pouco dinheiro. Mas que ao precisarem ir pra São Paulo na época da fundação da CUT no ano de 1983, os representantes daqui foram custeados pela igreja, que arcou com as despesas que os três líderes da época tiveram, que era ele, Milanês e Dedé tiveram ao viajarem representando a instituição referida.

José Murilo de Carvalho (2002) quando analisa o sindicalismo no Brasil, ressalta que em relação aos outros países da América Latina e de diversas outras partes do mundo, nessa década o sindicalismo brasileiro obteve ganhos perceptíveis e deu visibilidade à classe trabalhadora. Sendo assim, podemos colocar que se o período posterior a 1964 foi de

repressão aos movimentos sociais e sindicalistas e foi marcado pela falta de liberdade nos mais variados âmbitos da vida social, porém a partir de 1978 embora ainda no regime civil-militar, os movimentos sociais e trabalhistas começam a ganhar uma enorme força.

Ao procurarmos analisar e conhecer o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos uma de muitas inquietações nos vem à mente: Quais foram às melhorias alcançadas e o que almejavam essas pessoas que participavam das lutas pela emancipação da instituição no início da década de 1980? É partir desta pergunta que inseriremos alguns argumentos nas linhas que se seguem.

Economicamente, a cidade de Francisco Santos apresentava na agricultura e na pecuária de médio e pequeno porte, principalmente, as principais bases de sustentação dos franciscossantenses na década analisada. Rosa Isaura Santos (2003) relata que na zona rural o povo vive: do cultivo do feijão, do milho, da mandioca, da melancia e de uma enorme variedade de hortaliças e verduras, além da criação de: gado, porco, bode, galinhas, abelhas e muitas outras aves e animais. Numa comparação diferencia a década de 1980 do cenário na atualidade é que os produtos cultivados atualmente se dão principalmente para o consumo familiar, pois poucas famílias cultivam em escala comerciável, este apenas o que não for utilizado para o consumo (SILVA, 2010). Sobre as diferenças e mudanças nas culturas agrícolas desenvolvidas no município e as atividades em que trabalha até os dias presentes, Socorro Rodrigues menciona:

“No que trabalhava ainda hoje eu faço. Ainda planto, ainda limpo, só que mudou os plantios, as culturas de alho e cebola acabaram e começou as de caju, só que agora ‘tai’ acabando também. Mas foi bom o caju deu muita vida, tanto pelo pronaf, como pelo banco. O banco financiava as ‘mudas’ e os cajueiros davam, só que agora não dá mais, devido as secas”.

Na fala acima é evidenciado as dificuldades que vem atravessando o homem do campo com seus plantios devido às secas. Socorro ressalta em sua resposta, que o PRONAF através dos bancos tem financiado as “mudas” de pés de cajueiros para que o homem lavrador do campo possa iniciar ou complementar suas lavouras. No entanto, para ela tem rendido pouco, pois as secas estão prejudicando as plantações.

Traçado um pouco do perfil econômico da cidade que acolhe os protagonistas desta escrita, continuamos a analisar as melhorias proporcionadas a população pelo Sindicato.

O regime civil-militar, como é sabido, só teve fim no ano de 1985, quando Tancredo Neves foi eleito o presidente da república substituindo o último governo militar presidido por



João Figueiredo. Mesmo no ano de 1981, quando foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos o regime civil-militar já se encontrava consideravelmente desgastado e muitas inquietações, organizações e correntes ideológicas estavam ganhando ainda mais força no Brasil dominado pelos militares e civis da elite há quase duas décadas. Com isso, instituições que buscavam melhorar as condições sociais da população, especificamente da classe trabalhadora, começaram a se formar.

A preocupação com o regime civil-militar assolava a população brasileira na década de 1980. O interesse por uma forma democrática de governo era almejado por muitos. O Brasil governado por Tancredo Neves e o fim do governo João Figueiredo era algo amplamente desejado pelos cidadãos também da cidade de Francisco Santos. Francisco Rodrigues de Sales, mais conhecido como “Xodó”, que foi lavrador, escritor e poeta escreveu um poema intitulado *Vida de Tancredo* que no início da segunda metade da década de 1980 era visto como uma solução para um país democrático, característica que tinham desaparecido desde o ano de 1964. Aqui o poema (1994) desse poeta franciscossantense será visto como uma forma de pensarmos na importância que tinha eleição de Tancredo Neves para a democracia em sua totalidade, bem como para a população do município de Francisco Santos.

***Vida de Tancredo***

*No começo da política  
Eu fiquei até com medo  
De entrar numa campanha  
Contra General Figueiredo  
E só restava esperança  
Com o candidato Tancredo*

*Aí entrou a campanha  
Maluf veio uma brasa  
Os candidatos falados  
Era ele e Andreazza  
O povo todo dizia  
Tancredo é quem arrasa*

*Mais a quinze de janeiro  
Foi chegando a conclusão  
Senadores deputados  
Vieram a reunião  
Pela via indireta  
Votaram na eleição*

*Todos aqueles que votavam  
Em altas vozes dizia  
Voto em Tancredo Neves  
Que é da democracia  
Outros em Paulo Maluf*

*Que o PSD queria*

*Maluf quando falava  
Nos seus comícios dizia  
Que na rampa do palácio  
Com certeza ele subia  
Mas foi com trezentos votos  
De Tancredo a maioria*

*Mais o candidato eleito  
Uma viagem criou  
Com a Dona Risoleta  
Num país exterior  
Pra conhecer o regime  
Do bom administrador*

*Logo após sua chegada  
Veja o que aconteceu  
Na véspera de sua posse  
De repente adoeceu  
O povo ficando triste  
Muita gente esmoreceu*

*Na igreja de Dom Bosco  
A missa foi celebrada  
No dia seguinte era  
A posse realizada  
Mais foi para o hospital  
As duas da madrugada*

*Lá no hospital de base  
Precisou de operação  
O mal era perigoso  
Foi despertando a nação  
Foi preciso Zé Sarney  
Assumir a direção*

*Os médicos não deram jeito  
Retiraram pra São Paulo  
Pois no hospital das clínicas  
Se trata de todo mal  
Os médicos especialistas  
Compõem aquele hospital*

*Sete vezes operado  
Sem obter resultado  
Trataram do intestino  
Acharam muito inflamado  
Encontraram uns tumores  
Bem infeccionado*

*O povo ficava alegre  
Com qualquer uma melhora  
Mais breve Antônio Brito*

*Comunicava a piora  
E as notícias chegavam  
De meia em meia hora*

*O povo todo rezando  
Com preces e oração  
Pedindo com muita fé  
Sua recuperação  
Na porta do instituto  
Que trata do coração*

*E o mal continuava  
Com aquela triste sorte  
Cada dia que passava  
Iam fazendo outro corte  
Até que se aproximou  
O dia da sua morte*

*Aí ficou Zé Sarney  
Com todo poder na mão  
Mais o seu primeiro ato  
Foi subir a inflação  
Mais isto eu esperava  
Que ele é do Maranhão.*

O poema mostra bem a preocupação da população desta cidade com os rumos políticos do país. Passando a analisar as entrevistas e nas respostas apresentadas sobre os benefícios que os associados do Sindicato obtiveram é notável que as conquistas alcançadas foram significativas. A partir dos trajetos realizados nas localidades rurais da cidade de Francisco Santos ficam evidenciados que foram muitos os benefícios alcançados pelo Sindicato. Os três relatos colhidos nas entrevistas foram unânimes em suas respostas quando falaram a respeito das melhorias. Socorro Rodrigues, por exemplo, relata que:

“Foram melhorando os projetos dos bancos, melhorou muito para o agricultor lavrador, a gente tinha acesso ao banco pra tirar um projeto, a fundo perdido, sim tirava o projeto como a gente tirou o trator, o aviamento, a gente conseguiu várias coisas, as terras das mulheres nós compramos, conseguimos projetos pra nos beneficiar, fazer cercas, comprar arames, comprar estacas, a gente alcançou várias coisas e o melhor: a aposentadoria pra mulher com 55 nos, que ela tinha, e o homem com 65 e ela com 70”.

Nos chama atenção, que a entrevistada do sexo feminino pontua que a busca pelo benefício da aposentadoria foi uma de suas lutas desde o início da sua participação na formação do sindicato. A luta para buscar a aposentadoria para os homens e mulheres que trabalhavam na roça e em seguida, a batalha para diminuir a idade mínima do homem

lavrador se aposentar, foram, portanto grandes almejos como apresentaram todos os militantes entrevistados.

Atualmente, a mulher da roça tem direito ao benefício da aposentadoria com 55 anos e o homem com 60 anos, é necessário a pessoa comprovar ser um trabalhador rural para que essa possa se vincular e ser beneficiada por intermédio desse Sindicato. Seu Manoel informou que se num fosse da roça, nem adiantava ir atrás dele, ou do sindicato, por que não aposentava, conhecedor de causa ele disse que se alguém da roça vai morar fora e passar mais de um ano e cinco dias, já não era mais visto como trabalhador rural, para ser readmitido e sindicalizado nessa categoria é necessário pelo menos cinco anos de trabalhos na terra.

Em relação a essa conquista da aposentadoria, Socorro frisa que:

“Foi uma luta. Eu fui à Brasília no tempo dessa luta do aposento pra mulher. Nós fomos, nós fomos com a forma que a gente fez, com a forma que a gente queria e entregou o projeto na mão da autoridade lá e a gente conseguiu, com luta a aposentadoria pra mulher com 55 anos. Foi bom. E o homem baixou de 65 anos pra 60 e isso foi da nossa luta”.

É válido ressaltar que ainda nessa época os trabalhadores rurais, através dos sindicatos, lutavam por direitos que já eram garantidos aos trabalhadores da cidade, como a aposentadoria, e esse foi um tema constante nos anos que seguiram a década de 1980, como assinalou Railani Santos Gonçalves (2014) ao informar os benefícios que tinham os trabalhadores da indústria têxtil de Picos-PI nos anos finais da década de 1970 e início dos anos 80.

É notável que a preocupação com a segurança dos trabalhadores da roça ao ficarem idosos era grande e que a garantia de uma assistência para o público daquilo que conhecemos como terceira idade era o grande objetivo a ser alcançado. Socorro Rodrigues, em determinado momento de sua fala, coloca a preocupação que ela tinha enquanto militante:

“Morriam de fome, por que pela alta idade já não podiam trabalhar na roça, então não tinham como sobreviver. Se os filhos não dessem comida eles morriam, por que se não podiam trabalhar não tinham o que comer. Naquela conjuntura da sociedade era necessário a busca por nossos direitos, como a aposentadoria”.

A aposentadoria para o homem lavrador do campo foi o objetivo que mais instigou os membros do sindicato a perseverarem em suas lutas. No entanto, ficou evidente durante essa análise que as melhorias alcançadas não se limitaram apenas ao benefício da aposentadoria. A obtenção de poços, abertura de estradas, salário maternidade, merendas

escolares e de feijão e milho para os lavradores plantarem na época do plantio foram muitas de algumas das outras conquistas obtidas. Confirmando este argumento temos abaixo na fala de “Manoel Brás”, que nos diz o seguinte:

“Rapaz, as conquistas foram tantas, inúmeras, que nem numerar aqui num lembro tantas, mas foram muitas. Nós fizemos com que o prefeito fizesse várias estradas onde não tinha, fizemos com que cavasse vários poços onde não tinha, inclusive no Chupeiro, foi um dos tais. Foram outras, o colégio lá do Diogo II, dos Banzeiro, foi nessa época que o sindicato marcou presença lá no Caldeirão”.

“Dêdê”, enquanto participante do grupo que esteve à frente das decisões do Sindicato dos Trabalhadores Rurais argumentou que esse grupo era bem preocupado com as melhorias e benefícios dos associados que lutavam pelo firmamento da instituição. Ele, como participante ativo, relembra:

“Ah! Nós objetivávamos muitas coisas para o trabalhador do campo. Olhe, pra vim um milho pra gente poder comprar mais barato, vim umas sementes pra gente plantar na época do plantio. O sindicato também intermediava a venda dos nossos produtos obtidos, tinha muitos dos interesses de pequenos agricultores”.

Na imagem abaixo (figura 2) vemos o trator da comunidade do Chupeiro<sup>2</sup>, localidade municipal. Esse veículo representa uma das conquistas alcançadas por intermédio do sindicato ainda na década de 1980. O mesmo ainda se faz útil até os dias presentes para a essa comunidade que o utiliza principalmente nos dias de feira da cidade (sexta-feira e domingo). Esse trator atualmente transporta a população bem como objetos, rações para os animais e produtos dos mais variados gêneros para a população da localidade, além de utilizado para arar as terras no período de plantio, especialmente, do feijão e da mandioca.



*Figura 2: Trator conquistado pela comunidade Chupeiro, por intermédio do sindicato na década de 1980. Fonte: Acervo particular de Maria Jose Santos.*

As conquistas obtidas pelos lavradores do município de Francisco Santos após a inauguração do sindicato, em 1981 e oficialidade em 1983, não demoraram muito a aparecer, tendo em vista a união e o engajamento do grupo nas lutas pelos direitos almejados. Em relação ao intervalo de tempo para a obtenção das conquistas “Dêdê” relata-nos que:

“Não, não demorou tanto não. Um bocado de coisas sempre veio, a gente tirou, não dava pra se fazer tudo, mas fomos arrumando e eu sei que vinha. Conseguimos fazer muitas coisas. No momento, não lembro de algo que tenhamos lutado e que, no entanto, não conseguimos”.<sup>2</sup>

Seu Manoel no tocante a esse aspecto, um pouco pensativo assinala em fala que quem entra em uma batalha que representa a luta pelos seus objetivos sabe bem que as perdas são recorrentes e que evitá-las é praticamente impossível. Considerando esse ponto, com continuidade a um dos questionamentos em entrevista, o qual se destinava a conhecer o que eles haviam perdido em termos de luta, e quais os aspectos negativos enquanto participante e como militante as lutas pró-sindicalismo. Em seus argumentos, “Manoel Brás” menciona o seguinte:

<sup>2</sup> Chupeiro, localidade situada a 12 quilômetros do centro de Francisco Santos.

“Naquela época se perdia por que ninguém tem cem por cento, ninguém luta, César, com o intuito de que vai ganhar tudo, mas dos cem por cento nós obtivemos 30, 40, até 60 por cento. Nós já conseguíamos ser ouvidos pelo prefeito. Quanto ao que foi ruim, olhe eu achei ruim no sindicato, foi em saber que o povo não agradecia, você fazia 99 por cento das coisas, aí faltava um por cento, aí você era xingado, pisoteado, machucado, as vezes decepcionado. O que achei ruim foi essa falta de reconhecimento, César”.

Meio desconfiado ele diz que alguns não agradeciam as conquistas alcançadas pelo sindicato, e isso o incomodava, por que em vez de agradecer os benefícios alcançados o povo fazia era reclamar de algo que não tivesse conquistado. Certa vez se candidatou a vereador pelo PT, interessado em defender os lavradores por sempre ser da roça, informou ele, e que o povo não votava, por que dizia que o povo do sindicato não sabia de nada.

Tendo em vista esses dados, foi assinalado que grande parte do município era composta de homens e mulheres que necessitavam do sindicato para que pudessem por intermédio deste, alcançar melhoramentos no seu dia-a-dia. Em escrita sobre o Sindicato, Rosa Isaura Santos diz: “o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos contribuiu para a formação trabalhista e para o acesso aos benefícios os quais o trabalhador da roça tem direito, como a aposentadoria e o auxílio maternidade” (2003, p.27). Sobre essa formação trabalhista pontuada acima pela memorialista, Seu Manoel, disse sempre ter gostado de participar do Sindicato por que se tornou uma pessoa mais esclarecida, mais bem informada, se tornou como citou ele ‘um conhecedor das causas trabalhistas e isso foi muito bom.

Sobre a participação dos habitantes de Francisco Santos nessa entidade ficou claro, em leituras feitas em algumas atas, que a participação popular no início da fundação não foi grande, pois muitos se negavam a acreditar que a instituição pudesse se estabilizar e desenvolver funções para os homens e mulheres da roça. Considerando isso, Socorro Rodrigues, pontua que o povo que participava no início era uma minoria, mas só que os que participavam eram pessoas bem comprometidas, compromissadas e engajadas.

É plausível afirmar em conclusão as falas, que foi esse comprometimento assinalado pelos militantes entrevistados que fez com que esse órgão, com mais de três décadas de funcionamento, crescesse trazendo benefícios para os homens e mulheres do campo até dos dias presentes.

## **2 OS ESPAÇOS DE LUTAS E OS PARTICIPANTES: Trajetória dos militantes dentro e fora do Sindicato de Francisco Santos**

### **2.1 As reuniões sindicais e os espaços de sociabilidades**

No ano de fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade de Francisco Santos, o Brasil passava por um momento de redemocratização nacional, portanto, os ideais de abertura foram determinantes para o movimento sindicalista nessa cidade, que era composto, como já foi explanado, por uma grande parcela dos habitantes do município ligados à terra, ao meio rural como apontou também Silva Neto (1985) .

Everton Lazaretti Picolotto (2006) relata ter ocorrido nesse momento um verdadeiro fervilhar nas oposições sindicais do campo. O desencadeamento dessas oposições ao sindicalismo oficial da CONTAG originou-se, segundo esse autor, de três fatores: O início da abertura política do regime civil-militar; da necessidade do enfrentamento dos problemas provocados pelas políticas de modernização da agricultura desenvolvidas pela igreja através das comunidades eclesiais (CEBs) e das pastorais, especialmente a CPT, este último, como é o caso de Francisco Santos, já que as irmãs Hidalgardes e Analice, que idealizaram e incentivaram a fundação dessa instituição, eram representantes da Comissão Pastoral da Terra, como consta em uma ata de abertura de 1981. Sobre o contra do sindicalismo oficial, “Manoel Brás” relembra:

“Nós aprendemos a caminhar com nossas pernas, não precisava alguém vim dizer “façam isso!” ou “façam aquilo!”. Nós aprendemos com os assessores jurídicos e sindical lá em Teresina, em Picos e independente da federação que nesse tempo nós estava contra. Criou-se a CUT pra ser contra a federação, por que a federação era “pelega”. O que é “pelega?” “Pelega” é que fica só atrás do birô, ganhando o dinheiro e não levando conhecimento e nem defendendo a classe trabalhadora rural, vai contra o trabalhador rural, cria a proposta dele, a CUT ficou pra esse ponto: Proteger o trabalhador”.

Seu Manoel apresentou nesta fala a importância desse órgão sindical e de sua independência para representar o trabalhador rural, ele ressalta ter participado das reuniões com assessores de Picos e de Teresina e que foram nelas que ele juntamente com os demais militantes do Sindicato, aprenderam como conduzir a instituição de maneira independente e com autonomia.

As reuniões e palestras representam momentos importantes em qualquer grupo ou organização, pois são nelas em que os participantes expõem e difundem suas ideias, propostas



e pretensões. Ao ser analisado as reuniões sindicais enquanto espaços de sociabilidades, procuramos verificar alguns dos seus modos e aspectos marcantes para os entrevistados.

Esses momentos aconteceram em ambientes diversos como em colégios, como no auditório do ginásio Cristo Rei, local onde teve sua oficialidade reconhecida, no salão comunitário da igreja, em comunidades e localidades vizinhas. Francisco Vicente Rodrigues assim como os outros dois entrevistados, diz que foram caminhadas e caminhadas nas mais variadas localidades do município, apresentando nossas ideias para o povo da roça, pra eles se sindicalizarem e terem os seus direitos assegurados e até na própria sede do Sindicato (figura 1), mas que só ao fim da década de 1980 ganhou um espaço fixo, passando a se localizar na Rua Padre José Franco, na cidade de Francisco Santos, em frente a casa de “Manoel Brás” de onde se pôde avistar ao entrevistá-lo. Anteriormente a sede atual, o Sindicato funcionava oficialmente em um pequeno quartinho que era alugado, mas que devido ao seu tamanho ser bem pequeno não tinha como fazerem as palestras e as reuniões nele.

De acordo com os relatos, essas reuniões foram importantes pois nelas eram propiciado a população esclarecimentos e isso fazia com que esse Sindicato ganhasse mais força e a aumentasse a adesão dos trabalhadores da roça na instituição.

Como assinalou “Manoel Brás”, a participação era muito boa por que tinha a igreja do lado, que marcava presença, pois vinham padres, irmãs de outras cidades, nós fazíamos as reuniões também nas comunidades de base e o povo toda vida foi muito igrejeiro e religioso. Nos chama atenção uma das falas de Seu Manoel, quando ele pontuou a importância de uma instituição sindical, enquanto defensora de uma classe, pois enquanto estava frente ao órgão como presidente, ele disse que seu dever sempre foi independente de religião ou de partido defender o povo trabalhador da roça.

O município referido é conhecido por suas tradicionais características religiosas e devoção ao Imaculado coração de Maria, Socorro aponta que após o distanciamento da igreja em relação ao Sindicato de Francisco Santos diminui consideravelmente o número de pessoas engajadas firmemente na instituição em termos de luta. Sobre o seu afastamento, triste ela nos diz ter sido preciso se afastar já há alguns anos devido aos problemas de saúde de seu esposo, não tendo como conciliar a militância na instituição e os trabalhos em casa.

Ao ser questionado sobre como eram as reuniões do sindicato, se eram ou não festivas, “Manoel Brás” lembra e responde o seguinte:

“Quando terminava as reuniões ou assembleias, ou se tinham alcançado algum êxito a bem do sindicato, ou se tinha aquele dia festivo, como por exemplo, o 1º de maio. Fazia a caminhada no meio da rua, protestando, manifestando, levantando cartaz, bandeirola gritando, dando nosso grito de liberdade. Quando terminava, às dez e meia, onze horas do dia, aí já tava preparada a festa aqui no sindicato pra dançar, inclusive os meninos do padre aqui de Picos tocaram aqui muita festa. Brincava a noite toda e assim foi inúmeras que nem tenho todas na lembrança. Aí depois apareceu o dia internacional da mulher, que é dia 8 de março, tinha o dia do trabalho, que parece que é em julho se eu não me engano, aí nós fazia também a festa, aquela coisa de maior alegria, tinha comida, tinha bebida, tudo naquela maior satisfação”.

De acordo com os relatos colhidos nas entrevistas, as reuniões ocorriam mensalmente, nos fins de semana de cada mês, onde eram decididas as questões burocráticas do sindicato, bem como as questões básicas e financeiras, mas, nessas eram apenas pessoas da cidade, ou seja, os associados. Para as reuniões comemorativas ou em datas consideradas especiais para os trabalhadores como o primeiro de maio, Dia do Trabalhador, vinham palestrantes de outros sindicatos de cidades vizinhas, como Santo Antônio de Lisboa, Alagoinha do Piauí, Monsenhor Hipólito, Pimenteiras, dentre outras.

A respeito da importância dessas reuniões com representantes de outras cidades vizinhas, “Manoel Brás” destaca com um tom orgulhoso e feliz diz que “o Sindicato daqui, se tornou referência na década de 1980 e 90, até o final dos anos 90 o Sindicato fez parte como a maior referência sindical dentro do estado do Piauí”. O entrevistado relata ainda que ocupou vários cargos ao longo dos anos e que paga atualmente a quantia de 14 reais, assim como os outros associados e frisa ainda que, embora não ocupe nenhum cargo efetivo atualmente, faz questão de participar das reuniões e conhecer todas as decisões importantes que são tomadas dentro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais até os dias presentes.

Com o tom saudosista, Socorro Rodrigues lembra que as reuniões e festas foram momentos em que o povo se mostrava ativo na luta por seus direitos. Feliz por ter vivido aqueles momentos ela dá o seguinte relato:

“As reuniões do sindicato, quando começou mesmo o sindicato, as reuniões eram boas e as manifestações. Os dias de comemoração, como Dia Internacional da Mulher, era bem comemorado. Reivindicando a gente batia lata, ia à prefeitura, ia num canto, ia “noutro”. A gente se juntava e num era “pelego”, por que o sindicato pelego, ele é o mais ligado ao patrão e o sindicato que é ativo, ele é combativo, fora do patrão, contra os latifundiários”.

E. P. Thompson, em seus estudos sobre o mundo do trabalho, nota o sindicalismo como ferramenta intelectual de grande valor para o manejo dos acontecimentos existentes no

cenário social em transformação, como ocorrera no Brasil na década de 1980. Desse modo, de acordo com Railani Gonçalves (2014), sua orientação redimensiona a percepção dos espaços de convivência como algo dinâmico, que não pode ser imobilizado em um determinado momento, pois se trata de um lugar no qual existem pessoas vivendo em contextos reais com atuações humanas compartilhadas por meio de experiências comuns, articulando determinada identificação de seus interesses em contradição com os interesses dos outros que o diferem.

Durante a elaboração do roteiro do questionário de entrevista lançado posteriormente aos militantes da década de 1980, buscou-se compreender e conhecer, além das suas lutas e militâncias em defesa da abertura do sindicato, alguns aspectos sobre a vida particular de cada um, tais como: Infância, juventude, família e trabalho. Essa valorização do cotidiano como algo voltado para o mundo do trabalho é uma nova expressão dos novos projetos e estilos que conformaram os movimentos dos anos 1970.

Esses projetos e estilos se constituíram a partir do acolhimento de temas, imagens e aspirações que compuseram o modo de vida dos trabalhadores, dando-lhes um sentido particular, (SADER, 1988), sendo certo que as vitalidades dos movimentos sociais gestados nos anos 1970 estão ligados ao fato de terem tomado e desdobrado as questões postas por esse cotidiano, pois, como assinalou Paulo Roberto de Almeida (2006) é possível dentro de um mesmo movimento ter vários sonhos e aspirações dentre os participantes. É, no entanto, certo que o que torna cada personagem do sindicato único é o seu cotidiano e as suas questões particulares, todas vivenciadas fora da instituição.

Eder Sader (1988, p. 142) relata que “nas lutas sociais, os sujeitos envolvidos elaboram suas representações sobre os acontecimentos e sobre si mesmos. Para essas reelaborações de sentido, eles recorrem às matrizes discursivas constituídas de onde extraem modalidades de manutenção do vivido”. Podemos notar então que o ideário transmitido aos associados pelos líderes durante as reuniões fora fatores importantes e decisivos para cada um dentro da instituição. No entanto, sabemos que os sujeitos não são livres para produzir seus discursos e nem podem inventar na hora de seus sistemas de comunicação. Os representantes do sindicato de Francisco Santos, por exemplo, ao saírem nos diversos lugares se apropriam do poder da oratória e recorrem à matrizes discursivas constituídas, bem como à matriz da própria cultura instituída e reproduzida em toda uma pluralidade de agências sociais (SADER, 1988).

Foram, portanto, esses discursos persuasivos das lideranças que fizeram muitos lavradores se incluírem dentro da instituição. Retratando esses espaços como lugares de lutas,

vemos na imagem abaixo um desses momentos de socialização na qual o líder repassa as ideias para os demais integrantes do grupo. Esse de camisa azul é Francisco Milanês da Silva que como consta em Ata de 1989, juntamente com Luís Gonzaga de Barros e José Rafael Rodrigues compuseram a diretoria efetiva eleita nesse mesmo ano.



*Figura 3: Representante da diretoria do Sindicato palestrando para os associados. Fonte: Acervo particular de Maria Socorro Rodrigues.*



*Figura 4: Representantes eleitos da diretoria do Sindicato em 1989. Fonte: Acervo particular de Francisco Vicente Rodrigues.*

Nas figuras 3 e 4 fica evidente o comprometimento entre os diretores e os associados do sindicato, como informado pelos entrevistados essas eram pessoas bem comprometidas que viam nos discursos e na socialização de ideias uma chance de expandir os ideais para que mais pessoas pudessem adentrar nessa luta pelos direitos enquanto cidadãos. Na figura 3,

notamos a importância das palestras, eram de acordo com os relatos orais, nelas que os diretores explicavam questões orçamentárias, bem como projetos e planos dos diretores quando assumiam uma direção, no caso da fotografia representa os diretores em meados da década de 1980. Na figura 4, retrata o que foi apontado no decorrer deste tópico, as reuniões como são apresentadas foram importantes espaços de sociabilidades, pois podemos observar um instrumento musical nas mãos de um dos componentes, o qual comemoram a “nova direção da instituição”, no quadro negro no fundo, podemos observar a saudação aos novos diretores, nele consta: “saudamos a nova diretoria do sindicato que assume a luta por melhores condições dos trabalhadores”.

A busca constante por melhores condições para os trabalhadores rurais foram portanto, o grande objetivo dos homens e mulheres que atuaram e atuam na referida entidade.

## **2.2 SINDICATO E MULHERES: participação feminina no sindicato de Francisco Santos**

Vimos que em sua maioria os participantes do Sindicato de Francisco Santos eram lavradores e pecuaristas, que trabalhavam no campo ou na pecuária, geralmente, de pequeno porte. Sobre a pecuária, sabemos que a atividade pecuarista deu início ao processo de ocupação e desenvolvimento do Piauí, assim também como no município de Francisco Santos e até a atualidade continua como fator expressivo na composição e sustentação da economia de muitas famílias. Praticada de forma extensiva, o gado era criado solto no pasto, assim nos apresentou “Dêdê” ao relatar sobre as atividades e trabalhos que praticou em sua vida.

Sobre a reflexão de Railani Santos Gonçalves (2013), ao analisar Cruz sobre as novas abordagens historiográficas, nos diz que temáticas como o trabalho entraram em cena colocando em destaque as indagações sobre o estudo das práticas e experiências dos sujeitos como categoria, ressaltando as experiências sociais de homens, mulheres e jovens em diferentes situações históricas.

Neste ponto da presente escrita é analisada as experiências principalmente, femininas no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Francisco Santos na década de 1980, enfim a participação das lavradoras na criação desse espaço de lutas. Para destacar aqui os principais aspectos no que tange a participação feminina nos embasaremos com mais ênfase na entrevista de Maria do Socorro Rodrigues, que foi a primeira entrevistada.

Ao ser feito questionamentos sobre a participação feminina no sindicato procuramos demonstrar que, apesar de ser um momento no qual as mulheres pouco saíam do espaço da

roça ou doméstico foram importante para sua sedimentação. Ela era certo que participaram mesmo que de forma restrita, atuava de forma discreta, porém marcante nas lutas sindicais. A escolha por alguém do sexo feminino, portanto, fará com que compreendamos melhor a participação e transformação na atuação desse grupo durante o processo de lutas, mais adiante.

Mariano da Silva Neto (1985) escreveu sobre esse município de modo que o analisou em suas questões políticas, econômicas e sociais. Assim ao analisar principalmente o meio social e o perfil dos trabalhadores tem seu trabalho constantemente citado. Descrevendo o meio social e sobre o perfil dos trabalhadores franciscossantenses, a partir desse memorialista bem como nos relatos orais, fica claro que as crianças, tanto menino quanto as meninas, ingressavam ainda bem jovens no mundo do trabalho, pois como aponta Silva Neto (1985), a execução das atividades que ajudavam no sustento das famílias, tinham início cedo do dia e da vida, isso antes mesmo dos dez anos de idade, pois comparando o trabalho masculino com o feminino em Francisco Santos, Neto informa que:

“A menina, ela se inseria ao lado da mãe, nas tarefas domésticas e, ocasionalmente, nas atividades complementares da pecuária e da agricultura. O menino acompanhava o pai para o trabalho produtivo, ajudava o na roça, na vazante, no tratamento com o gado. O símbolo de seu ingresso na força de trabalho era a entrega de uma enxada que se dava por volta dos oito a dez anos de idade, no entanto, antes, já fazia os ‘mandados’. (SILVA NETO, 1985, p. 41).

Sobre o período o qual começou a trabalhar Socorro Rodrigues nos relata que:

“Ah eu comecei a trabalhar logo cedo, na idade de oito, nove anos, eu já ajudava e muito. Quando nos viemos embora, eu e doutor, ele, tinha uns sete e eu uns nove anos, e aí nos arrastava rama e galhos para fazer uma cerca de ramos pra trabalhar. De ramo por que pai queria cercar, para quando chovesse ter a roça, aí nos começamos, pai fazia um cavador de pau pra cavar os buracos, para fazer a cerca, enfiar as estacas e fazer as cercas”.

Na fala acima é evidenciado que os filhos eram desde cedo inseridos nos trabalhos que eram desenvolvidos por seus pais. Com oito anos Socorro informa ter participado da ‘peleja’ que era vivenciada por seu pai e sua mãe, assim, ela ocupou desde criança os espaços correspondentes ao lar e da roça diferente do que pontuou Silva Neto (1985).

É notório que a grande massa de trabalhadores que compunham este município, tinham suas práticas e atividades ligadas ao campo, estes ingressavam no meio rural, por costumes familiares e também devido a falta de oportunidades em outros setores. Os

entrevistados militantes e atuantes do Sindicato de Francisco Santos sempre desenvolveram desde crianças o trabalho ou agrícolas ou pecuaristas. O Seu Manoel ao descrever sua trajetória enquanto lavrador assinala ao relatar sobre sua família ainda na infância que:

“Papai me levava pra roça. Eu com uns nove anos de idade, limpando feijão na roça ele ia me ensinando e explicando passo a passo todo o processo pra limpar o mato, ele ia me dizendo pra ter cuidado pra arrancar o mato, sem, no entanto vida toda, arrancar ou machucar os pés de feijão ou de milho, ah foi assim que eu aprendi, a trabalhar”.

Atualmente as mulheres tem conquistado sua participação em muitos espaços. Espaços que até pouco tempo atrás eram restritos ao público masculino, tais como: na política, sindicatos, no trabalho, lazer, etc. No entanto, hoje é comum vermos as mulheres ocupando diversos cargos no meio social, sabemos que há poucos anos não era assim. Em Francisco Santos, por exemplo, no momento em que foi instituído o Sindicato dos Trabalhadores Rurais em 1981, idealizado inicialmente por duas mulheres, que tiveram na cidade como missionárias, a participação feminina era bastante restrita e elas participavam somente como associadas, não participando de decisões ou possuindo cargos administrativos dentro da instituição.

A partir de Ítala Loyane Araújo Moura (2013) podemos constatar que foi a Escola dos Annales, enquanto corrente historiográfica que surgiu no final do século XIX e início do século XX, que exerceu um importante papel no sentido de proporcionar a indivíduos e categorias sociais marginalizados na sociedade um lugar nas abordagens históricas, com a ampliação dos temas e fontes embasadas na História Social e na História Cultural das Mentalidades.

Maria do Socorro Rodrigues juntamente com seu esposo Constâncio sempre teve sua trajetória de vida ligada às atividades do campo, ao meio rural. Desde criança, segundo informou ela ocupou os lugares do lar e da roça. Na época em que tinha oito anos de idade, na segunda metade da década de 1960, já trabalhava na roça, além de ajudar nas “lidas” de casa. Relembrando esses tempos ela diz que:

“Eu assim, na hora de ir pra roça mãe ficava, mas quando eu “tava” em casa eu lavava as roupas, ajudava na limpeza da casa, que nesse tempo não tinha história de passar pano em casa, era varrer, lavar os copos e os pratos e pronto. Era só o básico”.

O trabalho ligado às atividades do campo se faz presente até a atualidade na vida de Socorro, e dos demais militantes entrevistados, porém menos intenso por já serem aposentados, ela que nunca se desligou dos trabalhos que sempre desenvolveu ao longo da vida, citou ainda trabalho na roça, ainda planto, ainda limpo, relata ela com orgulho.

Ambos entrevistados tiveram paralela a suas atuações frente à instituição referida, o trabalho e as “labutas” de suas vidas ligadas à roça. Desenvolveram com orgulho as atividades em que seus pais e seus avós sempre trabalharam. Socorro pontua que alguns que não queriam trabalhar na roça trilhavam seus caminhos no meio comercial, através da instalação de pequenos comércios, viajando com mercadorias ou emigrando para cidades maiores em busca de oportunidades melhores. A necessidade fez do homem lavrador do campo de Francisco Santos também um aventureiro, viajante e agente de troca, ela relata que esse foi dos trabalhos de seu pai, pois citando o trabalho dele, ela apresenta:

“Ah nós plantava muito alho. Papai plantava, colhia e depois viajava. Quando era na época da seca saia com um animal, ou um jumento ou um cavalo e descia no rumo aí, comprava uns animalzinho e umas carregação, uns produto e saia pra vender no Maranhão e em Picos, antes aqui por mais perto, ele ía era a pé mesmo”.

Sobre sua trajetória enquanto participante do sindicato ela lembra que este:

“Foi fundado em 1981. Aí quando foi fundado eu fui das primeiras criaturas das reuniões do sindicato, eu e Tantânio, mas nesse tempo eu não pude me afiliar, pois ainda não era considerado mulher entrar como sindicalista, ainda era considerado só os homens. O Brasil ainda “tava” na ditadura, aí daí pra cá quando foi começando as lutas e as coisas, as mobilização do sindicato, da associação, das confederações, das coisas que ia surgindo da necessidade pra quebrar essas ditaduras e essas rejeições que tinham de negro, de mulher não poder participar, não poder ser sindicalizada, não poder participar e foi já o sindicato, a lutar pra mulheres se filiaem ao sindicato”.

Após várias lutas por reconhecimento de seus direitos, onde a mulher consegue o direito de trabalhar e liderar à frente de um órgão importante de luta, bem como o direito de concorrer a cargos políticos, Socorro que militou juntamente com seu esposo Constânio, se mostra orgulhosa de sua ligação à instituição e quando fala da sua participação administrativa relata que:



“Eu fui diretora do sindicato, fui tesoureira por uns três mandatos e de quando eu entrei no sindicato eu só fiquei uns dois anos que eu não participava a frente na administração, que eu não era diretora ou tesoureira. Comecei participando do conselho efetivo, fui tesoureira, depois diretora e depois fiquei na direção, mas como comandante de mulheres, foi quando surgiu a luta das mulheres por os direitos e deveres das mulheres e eu fiquei nesse setor”.

Pelas falas podemos constatar um dos fatores que fizeram com que Maria do Socorro Rodrigues fosse uma das entrevistadas, a mesma em resposta a quais cargos havia participado dentro do Sindicato disse ter ocupado a direção e a administração por várias vezes assim também como foi comandante a frente de um grupo de mulheres na qual foi uma de suas lutas desde o início quando ela começou a participar. Na fotografia abaixo, concedida gentilmente no dia da entrevista, Socorro diz lembrar-se daquele momento, daquela reunião, esta já alguns anos após a criação da entidade, estavam nela representantes de vários órgãos como a CUT e FETAG, pela foto podemos observar juntamente com ela na figura pessoas com camisas, bonés e bandeirolas.



*Figura 5: Maria do Socorro Rodrigues em reunião palestrada por representantes da CUT (Central Única dos Trabalhadores). Fonte: Acervo particular de Maria do Socorro Rodrigues.*

Socorro relata ainda que as mulheres na década referida, que participavam, a princípio, eram muito poucas, pois no início era restrito que elas se envolvessem em lutas

sindicais. No entanto, no decorrer dos anos, após uma abertura para a participação feminina, o receio tomava conta do ambiente, como fica evidenciado na fala abaixo:

“Antes, no início, elas não tinham direito, mas depois elas já tinham. Só que as mulheres, elas ficaram ainda naquilo de ser contribuído pelo marido: “Ah, se meu marido era, eu também sou!” e não, os direitos e deveres é de cada um, do marido e da mulher. Os direitos deles são na família, nas coisas, mas tem as coisas pessoais de cada um e a gente tem de lutar por as coisas, pelo aposento. O meu é meu, o dele é dele. A mulher tinha que participar do jeito que o homem tinha, até mais pra poder conseguir ocupar um espaço”.

Socorro se mostra em fala consciente da importância da mulher ter seus direitos reconhecidos. Com as constantes mudanças sociais, mulheres e homens apresentam, cada vez mais, seus direitos iguais na sociedade atual. Socorro, estabelecendo uma relação com o passado, pontua que:

“A mulher hoje já tem muito espaço. Hoje já tem uma mulher presidenta, já tem mulher deputada, tem mulher sendo diretora do sindicato, sendo de um tudo, já tem. Ocupam vários cargos, mas naquele tempo não ocupavam cargo algum. O maior cargo que uma mulher podia ocupar era o de professora”.

Através das falas da entrevistada podemos perceber que as transformações ocorridas no meio social nas últimas décadas foram muitas em relação à atuação e participação feminina. Ao falar sobre as conquistas que as mulheres alcançaram se mostra bastante feliz, pois foi uma das lutas que ela e os demais integrantes do Sindicato visavam vencer, sobretudo, com o direito de reconhecimento, de voz e de participação para todos, independentes de cor, sexo, religião ou classe social como disse Maria do Socorro Rodrigues.

Na imagem abaixo (figura 6) além da notável união entre representantes da diretoria do Sindicato de Francisco Santos, por exemplo, ainda é notável a forte presença feminina na década de 1990 no meio dos representantes da diretoria do Sindicato de Francisco Santos.



*Figura 6: Representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos em meados da década de 1990. Fonte: Acervo particular de Maria Socorro Rodrigues.*

“Manoel Brás”, um pouco risonho em sua fala quando questionado sobre as mulheres e a participação feminina no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, ele acabou pontuando entre os anos do surgimento e a atualidade, apresentando que:

“A participação das mulheres na época em que nós fundamos o sindicato, quase não tinha, por que ainda não tinha estabelecido essa norma de que tinha que ter 30% de participação de mulher participando do sindicato. Na diretoria ainda não tinha, tinha mulher participando só como sócia, mas, como agente e dirigente sindical do movimento, não. Começou era só homens, mas aí depois com uns dez anos, começou a arrebentar, começou os movimentos de mulheres no Brasil, aí foi que encaixou mulheres na diretoria do sindicato. Hoje já tem mais mulheres do que homens nos sindicatos, coisa que naquele tempo não se via, não existia”.

Na resposta apresentada por Seu Manoel assim como na fotografia acima (figura 6) percebemos que o Sindicato se tornou um espaço importante de participação e reconhecimento de direitos onde as mulheres passaram a ter voz e reconhecimento. Descrevendo essa foto vemos o espírito de união do grupo que atuava frente a instituição, como informou Socorro ao cedê-la, nesse momento tinham três mulheres frente ao órgão, ocupando cargos diretivos. Dos entrevistados para essa escrita, na fotografia acima, constam Maria do Socorro Rodrigues, que corresponde a mulher de saia vermelha e “Manoel Brás” de calça preta e camisa vermelha com flores, lado esquerdo.

Constatamos em análise que a participação dos trabalhadores lavradores, seja masculina ou feminina, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais foi importante para a fundação desse órgão que após trinta e três anos do seu surgimento permanece trazendo benefícios para o homem e mulher trabalhadores da roça que compõem essa cidade e as localidades que a mesma possui aos seus arredores que tem no cultivo agrícola e na criação de animais, mesmo de pequeno porte, o seu sustento o seu meio de sobrevivência juntamente com as suas famílias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como finalidade maior analisar e problematizar a história do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos-PI na década de 1980, época de seu surgimento e emancipação. No decorrer dos capítulos ficou constatada a importância das atividades relacionadas ao meio rural, bem como dos trabalhadores e que estes com suas labutas na pecuária ou nas lavouras eram determinantes para a renda econômica do município através da execução dos trabalhos em terras que eram herdadas ou arrendadas.

Francisco Santos é uma cidade conhecida entre a microrregião devido a características marcantes como a religiosidade e a hospitalidade do seu povo e isso fez com que as ideologias difundidas pelas CEB's e da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e pelas irmãs que vieram do Rio Grande do Sul, como missionárias, unissem uma parcela da população para organizar e promover as lutas em prol da abertura do Sindicato que, posteriormente, trouxe muitos benefícios para o homem e mulher do campo. As irmãs Hidelgardes e Analice também se filiaram à instituição e cultivaram bastante nos dez anos que permaneceram na cidade.

Podemos constatar que as melhorias promovidas pela abertura do Sindicato foram muitas e de grande valia para a população desde a sua criação. Embora a instituição não contasse com o apoio de uma parcela considerável da população para enfrentar os percalços que viriam com as lutas, (como, por exemplo, à aversão à formação de sindicatos e organizações similares), estas se mantiveram firmes e fortes até atingirem o seu grande objetivo.

Durante a escrita ficou evidente também que foram muitas as melhorias alcançadas a partir das lutas dos militantes. Nos relatos das entrevistas as vozes confirmam o que foi constatado na investigação teórica, com destaque para a emancipação institucional do sindicato, sua representação, sua construção e permanência ao longo desses mais de 30 anos de existência.

O estudo acerca do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos, portanto, permite-nos conhecer sua história, seu passado de lutas e batalhas travadas por seus participantes ativos desde o seu início até os dias presentes. Entender a importância e o modo de representação dessa instituição nos proporciona, conseqüentemente, um entendimento acerca da coletividade na instituição e da individualidade de suas vidas pessoais, ou seja, permitiu conhecer os modos de vida dos trabalhadores rurais em suas atividades no campo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A. MACIEL, Laura A. (orgs). Outras Histórias: Memórias e Linguagem. São Paulo: Olho D'Água, 2006.
- BARROS. Lucio Alves de. O Sindicato dos Metalúrgicos em São Bernardo: Uma análise histórica. *Historia e Perspectivas*, Uberlândia (25 e 26), p.385-393, jul\dez.2001\ jan\jul 2002.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O Longo Caminho*. 3º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge. *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 4 ed.- Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2011. *O brasil republicano*, v.3.
- FARIAS, Sara Oliveira; SANTOS, Martins dos. *Memória e Sindicato: Entre discursos e experiências*. *Cadernos do Presente*, nº 13, p. 27-37, jul\set 2013.
- GONÇALVES, Railani Santos. *Nas tramas da memória: trabalhadores da indústria têxtil de Picos-PI (1975-2013)*. Monografia (graduação), Universidade Federal do Piauí. Picos: UFPI, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico*. 2010.
- MOURA ARAÚJO, Ítala Loyane de. *Da Roça ao Lar ao Reivindicar: A trajetória política de Maria Jesus Filha (Bíblia) 1980-2008*. Monografia (graduação). Universidade Federal do Piauí. Picos: UFPI, 2013.
- PAULA, Elder Andrade de. *O Movimento dos Trabalhadores Rurais e a Luta Pela terra no Acre: Conquistas e retrocessos*. *Revista Nera-* ano 7, nº 5- Agosto/Dezembro de 2004.
- PICCOLLOTO, Everton Lazzareti. “Sem Medo de Ser Feliz na Agricultura Familiar: O caso do movimento de agricultores em Constantina-RS. In: *Dissertação de mestrado*. UFSM, 2006.
- PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. *Revista Tempo*, v. 1, nº 2.
- PORTELLI, Alessandro. *O Massacre de Civitela Val di Chiana (Toscana: 29 de julho de 1944): Mito, política e senso comum*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996 (106-130).
- PORTELLI, Alessandro. *O que faz a História Oral diferente*. *Revista Projeto História*. São Paulo, R. 14, (1996), p.10.
- PORTELLI, Alessandro. *Forma e Significado na História Oral: A Pesquisa como Experimento de Igualdade*. *Projeto História*, São Paulo, fevereiro, 1997.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. Os Significados das Memórias e Linguagens na Construção de Outras Histórias. História e Perspectiva, Uberlândia, 2008.

SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entram em Cena: Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Rosa Isaura. Francisco Santos é Assim. 2003. (Livro de memórias).

SILVA NETO, Mariano da. O Município de Francisco Santos: Estudos e Memórias. Teresina, COMEPI, 1985.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. A Modernização Autoritária: Do golpe militar à redemocratização 1964/1984. In: História Geral do Brasil. Org: Maria Yedda Linhares. 9 ed.- Rio de Janeiro: Elsevier: 1990.

SILVA, João Bosco da. Jenipapeiro: A terra dos espiritados. Teresina: Halley, 2010.

SILVA, Valtuir Moreira da. Trabalhadores Rurais de Itapuranga: Esquemas da resistência e organização. 1970-80. In: Dissertação de Mestrado, UFG. Goiânia, 2001.

THOMPSON, Edward Palmer. Algumas Observações Sobre Classe e “Falsa Consciência”. In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Orgs: Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Unicamp, São Paulo, 2001.

THOMPSON. Edward Palmer. Os Trabalhadores Rurais: In: A Formação da Classe Operária Inglesa: A maldição de Adão (v 2). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

WERNER, Rosilea Clara. O Movimento Sindical e a Luta Pela Saúde do trabalhador. Seminário Nacional, Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascável-Paraná, 2009.

## **FONTES ORAIS E FONTES ESCRITAS**

RODRIGUES, Francisco Vicente. **Entrevista concedida à Paulo César Rodrigues.** Rua Santo Antônio, Francisco Santos-PI, 07/07/2014.

RODRIGUES, Maria do Socorro. **Entrevista concedida à Paulo César Rodrigues.** Localidade Chupeiro, Francisco Santos-PI, 28/08/2014.

SOUSA, Manoel José de. **Entrevista concedida à Paulo César Rodrigues.** Rua Padre José Franco, Francisco Santos-PI, 07/07/2014.

Livro de Atas do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Santos-PI, (23-10-1983).

Livro dos Poetas, Francisco Santos-PI, 1994.

## **ANEXOS**





**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
(x) Monografia  
( ) Artigo

Eu, Paulo César Rodrigues,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Da Reca do Reindianismo: Uma análise do Sindicato  
dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Francisco Santos - PI (Década de 1980)  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 30 de Janeiro de 2015.

Paulo César Rodrigues  
Assinatura